

O mal-estar docente é real: ressonâncias no tornar e manter-se professor(a)

Silvano Messias dos Santos¹

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida²

O objetivo desse texto é discutir o mal-estar docente e suas ressonâncias em relação ao tornar-se e manter-se professor(a), como recorte temático de estudo em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília – PPGE/UnB com o apoio da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB. É em torno de alguns “elementos provocadores” de mal-estar docente que nossos diálogos se constroem a seguir, a partir de conversações com professores e estudantes de licenciatura.

1. O mal-estar docente frente à desvalorização da profissão e desqualificação do trabalho do professor

Na escuta e diálogos com os professores, queixas relacionadas aos baixos salários, ao desprestígio social da profissão e ao desrespeito para com a figura do professor são registradas, tais como: sobrecarga e condições de trabalho, extensas jornadas laborais, cortes salariais, plano de carreira, sistema burocrático imposto aos professores, insatisfações ligadas ao sistema educacional que consideram deficitário, o desrespeito dos alunos e da sociedade em geral.

Dentre outras, importante reconhecer a questão da remuneração, pois muitos professores admitem complementar a renda assumindo aulas em mais de uma escola (muitas vezes via contratos temporários) ou exercendo outros trabalhos. Queixam de se sentirem cansados, adoecidos, muitas vezes impotentes ou inúteis, além de insatisfeitos quanto à escolha da profissão como projeto de vida. Neste sentido, a pergunta que afinal parece insistir-se: quem quer ser professor(a) hoje?

2. O mal-estar docente frente ao excesso de demandas

¹ Doutorando vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGE/UnB). E-mail: silvannomessias@yahoo.com.br

² Professora orientadora, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGE/UnB). E-mail: almeida@unb.br

O professor, atualmente, para além do compromisso de ensinar, depara-se com múltiplas demandas e expectativas em suas relações e contradições com a profissão no contexto social, político, econômico, cultural, ambiental, tecnológico e acrescenta-se, agora, pandêmico. Na atualidade, as competências docentes exigidas aumentaram e se complexificaram:

A escola não é mais apenas um lugar de ensino, ela é um meio de vida. Cabe ao professor ensinar, dar suporte psicológico e social a seus alunos, ocupar-se de certos entraves da vida familiar deles quando atravessam a questão escolar, intervir nos conflitos entre alunos, gerir o fracasso escolar e a evasão, interagir com seus pares docentes, sintonizar seus trabalhos em nome de uma interdisciplinaridade, organizar seus sindicatos, etc. (VOLTOLINI, 2018, p. 49).

Multifacetado, o professor, ao assumir diferentes funções e se submeter às demandas e exigências (im)postas pelo outro – currículo escolar, especialistas, pais, alunos, comunidade, Estado –, se vê inevitavelmente perante desafios e dilemas diversos, com implicações que podem afetar seu bem-estar e, não raro, o desejo de manter-se na profissão. Em tempos de globalização, neoliberalismo e produtivismo, existe uma ideia latente no discurso pedagógico das competências que é a de reconverter os professores em “superprofessores” (VOLTOLINI, 2018), ou seja, em profissionais multifuncionais, polivalentes, capazes de responder todas as demandas de seu trabalho, o que favorece, a nosso ver, o adoecimento desses profissionais e a própria renúncia da profissão. Afinal, o que faz – ou deve(ria) fazer – um(a) professor(a) hoje e quais as relações possíveis com seu bem-estar/mal-estar?

3. O mal-estar docente frente à culpabilização pelos fracassos escolares

Além de se defrontar com o aumento de competências e de complexas demandas, geradoras de mal-estar, o professor atualmente “tem também de lidar com aquilo que provavelmente é a mudança maior em sua imagem contemporânea: *ele tornou-se o responsável pelo fracasso escolar*” (VOLTOLINI, 2018, p. 49). Nos últimos anos, tem-se percebido uma crescente responsabilização do professor pelos infortúnios da educação, pois se antes prevalecia “a concepção de que o fracasso do aluno que não aprende se devia a questões idiossincráticas desse aluno, seu estado psicológico, neurológico, familiar, etc.”, atualmente esse entendimento, ainda que presente, é substituído hegemonicamente por outra concepção: a de que “se o aluno não aprende é porque o professor e a escola não envidaram

todos os esforços necessários”, o que nos leva a afirmar, a partir dessa lógica, que o “fracasso escolar, hoje em dia, é sinônimo de fracasso da escola, ou seja, do professor” (ibidem, p. 49).

Assim, considerado culpado por todos, o professor muitas vezes incorpora esse discurso da responsabilização e também se culpa, consciente ou inconscientemente, com repercussões em seu bem-estar como pessoa e profissional.

4. O mal-estar docente frente a perda da autonomia e a crise da autoridade docente na escola contemporânea

De acordo com Sacco (2017), falta um lugar simbólico, no imaginário social, para o professor e para o saber. Parece haver um declínio do valor da educação na constituição dos sujeitos. Os alunos e muitas vezes os pais não valorizam mais o saber que a escola veicula. A escola tem cada vez mais perdido seu prestígio como lugar central de transmissão do conhecimento: em tempos de tecnologias, de novos modelos de comunicação, crianças, jovens e adultos manifestam crescente interesse pelo acesso a um “saber sem mestre”. Os professores reclamam que seus alunos não se interessam pela instituição escolar, que a indisciplina e a violência imperam, que seu trabalho nas escolas está sob vigilância e submetido a controles externos, e que se sentem sem autoridade, sem autonomia e afinal em crise. Neste sentido, Sampaio (2021) questiona que lugar ocupa os professores nos sonhos da república:

[...] parece-nos fato que, sem um lugar de palavra numa escola justa, fica bastante difícil que o encontro entre aqueles que já estão no mundo e os que estão chegando seja marcado pelo enlace com o legado público. Sem herança, professores e alunos parecem não encontrar algo de valioso que verdadeiramente os mova e ao mesmo tempo os amarre numa tradição existencial. Nessa condição de inércia, abandonam e são abandonados, banem e são banidos do cenário escolar. Perambulam por entre os muros da escola procurando para si um lugar nos sonhos da república (SAMPAIO, 2021, p. 63).

5. O mal-estar docente frente ao cenário nacional

Não se pensa a escola apartada do contexto social mais amplo. Talqualmente, o “ser professor” não se constrói desvinculado do contexto social, político, econômico, histórico, cultural. A escolha pela profissão professor, assim como a permanência ou desistência da carreira docente, não estão desconectadas do contexto sociopolítico nacional.

Nos encontros com os docentes, emerge a reflexão de que *ser professor, hoje, nunca foi tão difícil*: expõem preocupações sobre as ameaças direcionadas à liberdade de cátedra, à liberdade de ensino e à pluralidade de ideias nas instituições escolares, às vezes motivadas por autoridades e figuras públicas, corroborando para a intensificação do mal-estar docente. Temas como Base Nacional Comum Curricular, Novo Ensino Médio, militarização escolar, homeschooling, escola sem partido, dentre outros em debate no Brasil atualmente, também parecem inquietar os professores. Dentre as queixas, pontuam que a participação dos professores tem sido cada vez menos observada nos processos de elaboração das políticas educacionais – em âmbito nacional, estadual e municipal – e reivindicam, com base na Constituição Federal (BRASIL, 1988) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber, além de respeito ao pluralismo de ideias e concepções pedagógicas.

(In)concluindo

Como vimos, o mal-estar docente é real e está atravessado por diversas questões, com repercussões no ser, tornar-se e/ou manter-se professor(a). Retomamos Voltolini (2018):

Sem autonomia formativa, subordinado a ideologia do Estado e dos *experts* que concebem sua formação; com seu papel ampliado e complexificado pelas mudanças frequentes na realidade escolar; lançado num contexto instável de hiper-reformismo institucional no qual necessariamente se concebe de modo simplista as práticas e a racionalidade subjetiva para acompanhar tantas mudanças; acusado de ser o culpado pelo fracasso escolar; diminuído em sua presença subjetiva graças a concepções pedagógicas modernas que o situam como simples intermediário da relação do aluno como seu objeto de estudo; hiperavaliado pelos órgãos públicos numa perspectiva quantitativa e dentro de um sistema competitivo; esgarçado pela oferta de múltiplos cursos de formação continuada, sem que nenhum deles pareça trazer o conforto buscado, o professor encontra seu mal-estar peculiar (VOLTOLINI, 2018, p. 50).

Reconhecemos, portanto, múltiplos elementos que permeiam as diferentes formas de renúncia dos professores ou padecimento em exercício, e a “retirada de cena”, tanto de docentes experientes como daqueles que se encontram no início do magistério ou em formação inicial, ocorre acompanhada de sofrimento psíquico, estresse, esgotamento emocional e inevitáveis angústias, historicamente presentes no campo da educação, mas que vem se reatualizando de múltiplas formas.

Em *O nome atual do mal-estar docente*, Pereira (2016, p. 21) pontua que os professores atualmente se dizem “cada vez mais adoecidos, estressados, angustiados, mentalmente esgotados, hipermedicalizados ou sob tratamento” e que se considerarmos “os imperativos da sociedade em que vivemos (incluindo o universo escolar), as vicissitudes do Supereu (com seus impulsos de gozo) e os modos de manifestação da angústia (que possam estar presentes em certas formas de depressão, pânico, bipolaridade, oralidade, etc.)” (ibidem, p. 112), podemos admitir que alguns professores, no confronto diário com os desafios da profissão, estejam “no limite”, com implicações no ser, tornar-se e manter-se professor(a). Nesse sentido, para (não) finalizar, uma provocação inscreve-se: do ponto de vista do sofrimento psíquico e das queixas de mal-estar, padecem mais os professores, se comparados às outras profissões?

Referências

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **O nome atual do mal-estar docente**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

SAMPAIO, Andressa Mattos Salgado. Quando algo não vai bem na educação: o lugar da escola para todos nos sonhos da república. In: ROSADO, Janaína; PESSOA, Marcos (Orgs.). **As abelhas não fazem fofoca**: estudos psicanalíticos no campo da educação. São Paulo: Instituto Langage, 2021.

SACCO, Ricardo Dias. **Para uma etiologia da renúncia ao professor**: alguns apanhados da corte ao neoliberalismo no Brasil. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2017

VOLTOLINI, Rinaldo. **Psicanálise e formação de professores**: antiformação docente. São Paulo: Zagodoni, 2018.